

FIGUEIREDO, Jackson de

*jornalista; mov. católico.

Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracaju no dia 9 de outubro de 1891, filho de Luís de Figueiredo Martins e de Regina Cândida Jorge de Figueiredo. Seu avô paterno, Jacinto Martins de Almeida, foi duas vezes prefeito de Aracaju e presidente da Associação Comercial de Sergipe.

Ainda estudante, participou de vários grupos que se dedicavam às letras e publicou seu primeiro livro, *Bater de asas*, em 1908. Em 1913 bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Livre de Direito da Bahia e logo após a formatura voltou a Sergipe. Em março de 1914 mudou-se para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e trabalhou como professor e jornalista, colaborando na *Gazeta de Notícias* e em *O Jornal*. Ainda em 1914 foi apresentado ao filósofo Raimundo Farias Brito e começou a publicar livros biográficos ou de análise filosófica. Sob a influência dos escritos de Farias Brito, adotou perspectivas espiritualistas. Segundo Hamilton Xavier, a relação dos dois “foi mais uma influência moral, afetiva, do que propriamente intelectual”. Em 1916 casou-se com Laura Alves, cunhada de Farias Brito.

Ainda em 1916, passou a corresponder-se com o arcebispo de Olinda e Recife, dom Sebastião Leme. Essa aproximação ocorreu após a divulgação da Carta pastoral de dom Leme, por ocasião de sua posse à frente da arquidiocese. Na Carta, dom Leme diagnosticava que “os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política”. Para reverter esse quadro, dom Leme propunha algumas medidas básicas, tais como a realização de obras de estímulo intelectual para os sacerdotes, o desenvolvimento da doutrinação nos centros urbanos e da catequese das populações rurais, a criação do ensino religioso facultativo e de escolas superiores francamente católicas. Segundo Thomas Bruneau, a Carta pastoral de 1916 foi o primeiro passo significativo para a reorientação e mobilização da Igreja no Brasil. Para Antônio Carlos Vilaça, o documento teria um papel fundamental na conversão de Jackson ao

catolicismo. De fato, após ter contraído em 1918 o vírus da gripe espanhola, Jackson converteu-se ao catolicismo entre 1918 e 1919. Dom Leme, por sua vez, assumiria a arquidiocese do Rio, inicialmente como coadjutor, em agosto de 1921, depois como cardeal, e por fim como titular, em 1930.

Politicamente, nesse período Jackson era um entusiasta da causa nacionalista, e combateu especialmente a presença de portugueses em certos setores econômicos brasileiros. No mesmo mês em que dom Leme se tornou coadjutor da arquidiocese do Rio, juntamente com Hamilton Nogueira, Perilo Gomes, José Vicente de Sousa e Durval de Moraes, fundou a revista *A Ordem*. De acordo com Odilão Moura, “o espírito que insuflava a publicação, identificado com a mentalidade do líder do grupo, estava revelado no próprio nome: espírito de ordem, de obediência à autoridade e de justiça”.

Com o agravamento da situação política no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), Jackson poria a revista a serviço da defesa da autoridade. Durante a campanha presidencial de 1921-1922 apoiou a candidatura de Artur Bernardes, tendo sido uma das vozes na imprensa brasileira a reagir quando da publicação pelo *Correio da Manhã*, em outubro de 1921, dos fac-símiles de cartas supostamente escritas por Bernardes contendo graves ofensas ao marechal Hermes da Fonseca e ao candidato adversário Nilo Peçanha. Embora o Clube Militar tivesse atestado a falsificação, as chamadas “cartas falsas” deflagraram uma grave crise e alimentaram o debate até a confirmação da vitória de Bernardes. De acordo com Francisco Iglésias, Jackson, em seus artigos, criticou tanto o recurso da falsificação como a aliança entre os até então adversários Nilo Peçanha e Edmundo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*. Em março de 1922, Bernardes foi eleito.

Com o apoio de dom Leme, em maio seguinte Jackson fundou o Centro Dom Vital, associação civil ligada à Igreja voltada para o estudo, a discussão e o apostolado da religião, e destinada a “catolicizar a inteligência brasileira”. Fundado, portanto, no mesmo ano em que se realizou a Semana de Arte Moderna e se criou o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Centro Dom Vital seria o principal núcleo intelectual do catolicismo brasileiro até 1941, quando foi criada a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de

Janeiro. Segundo Thomas Bruneau, foi “através do Centro e de seu órgão, *A Ordem*, que dom Leme e Jackson procuraram estimular, mobilizar e aumentar a influência da Igreja, visando principalmente a elite intelectual do país”.

A vitória de Bernardes em março de 1922 não amainou, contudo, o clima político. A oposição de setores militares à sua posse, prevista para novembro, aumentou ainda mais a tensão, até a eclosão no dia 5 de julho do primeiro levante do ciclo de movimentos tenentistas da década de 1920. A revolta, deflagrada em protesto contra o fechamento do Clube Militar e a prisão do marechal Hermes da Fonseca, envolveu o forte de Copacabana, a Escola Militar e efetivos da Vila Militar, no Rio de Janeiro, e ainda o contingente do Exército estacionado em Mato Grosso, e foi debelada no mesmo dia. Na ocasião Jackson defendeu a repressão ao movimento tenentista e, segundo Odilão Moura, ocupou o cargo de “chefe da Censura da Imprensa do Rio de Janeiro” no governo Bernardes (1922-1926). Na campanha presidencial de 1926, apoiou o nome de Washington Luís, que venceu a disputa.

Jackson de Figueiredo faleceu no Rio de Janeiro no dia 4 de novembro de 1928, ainda como diretor de *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Foi substituído nos dois cargos por Alceu Amoroso Lima, um dos mais destacados nomes da crítica literária nacional, que, por influência de Jackson, poucos meses antes se havia convertido ao catolicismo.

De seu casamento com Laura, teve quatro filhos.

Além do livro já citado, publicou *Zíngaros* (1910), *Xavier Marques* (1913), *Garcia Rosa* (1915), *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias de Brito* (1916), *A questão social na filosofia de Farias de Brito* (1919), *Do nacionalismo na hora presente* (1921), *Afirmações* (1921), *A reação do bom senso* (1921), *Auta de Sousa* (1922, biografia da poetiza), *Pascal e a inquietação moderna* (1922), *Literatura reacionária* (1924), *A coluna de fogo* (1924), *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925). Após sua morte foi publicado o romance *Aevum* (1932) e parte de sua correspondência, especialmente com Alceu Amoroso Lima. A seu respeito foram publicados os livros *Jackson de Figueiredo* (1976) e *Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada* (1989).

Christiane Jalles de Paula

FONTES: AZZI, R. *Neocristandade*; BRUNNEAU, T. *Catolicismo*; CPDOC. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 6/6/2009 FERNANDES, C. *Jackson*; IGLÉSIAS, F. *Estudo*; MAINWARING, S. *Igreja*; MOURA, O. *O.S.B*; Netsaber. Disponível em: <<http://www.netsaber.com.br>>. Acesso em: 6/6/2009; NOGUEIRA, H. *Jackson*; ; RODRIGUES, A. *Igreja*; VILLAÇA, A. *Pensamento*.